



CURAR E HIGIENIZAR O SERTÃO DO ANTIGO EXTREMO NORTE GOIANO (ATUAL NORTE TOCANTINENSE): OS MISSIONÁRIOS CATÓLICOS ORIONITAS E SUAS ESTRATÉGIAS DE CATOLICIZAÇÃO PELA SAÚDE

Raylinn Barros da Silva
Seduc/To e IFTO Campus Araguaína
raylinnbarros0908@gmail.com

RESUMO: O objetivo deste estudo é refletir o processo sanitário e de higienização feito pelos missionários católicos orionitas na região do antigo extremo norte goiano – atual norte tocantinense – a partir da década de 1950 e como eles utilizaram desse processo como instrumento de catolicização da região. As fontes analisadas foram de natureza secundária: relatos de memória escritos pelos próprios missionários orionitas. Esses registros receberam tratamento crítico a partir de contribuições de autores que transitam na seara da história cultural. Creemos que uma das justificativas para este estudo é a necessidade de historicizar essas fontes, que mesmo sendo secundárias, podem, a partir de uma metodologia crítica, contribuir para compreensão do processo de catolicização da região realizado pelos missionários naquele espaço e contexto histórico.

Palavras Chave: Goiás, Orionitas, Higienização, Doenças, Catolicização.

ABSTRACT: The aim of this study is to reflect the sanitary and sanitation process done by the catholic missionaries orionitas in the region of the ancient far north goiano - currently north of Tocantins state- from the 1950 decade and how they utilize this process as an instrument of spreading the catholic mindset of the region. The sources analyzed were from secondary nature: reports of memories written by the own orionitas missionaries. These records receive critical treatment from the author contributions that transit in space of cultural history. We believe that one of the justification for this study is the need of make historical this sources from a critical methodology, contribute for comprehension of the process of spreading the catholic norms in the region realized by the missionaries in that historic context.

Key words: Goiás, Orionitas, Sanitation, Diseases

1 - Introdução

O objetivo deste estudo é refletir como se deu o processo sanitário e de higienização realizado pelos missionários católicos orionitas na região do antigo extremo norte goiano – atual norte tocantinense – a partir da década de 1950 do século passado. Acreditamos que o trabalho que eles empreenderam representou um verdadeiro projeto higienizador e sanitário para a região, mas com um objetivo certo: catolicizar as populações através da saúde.

As fontes que utilizamos para a construção dessa narrativa foram fontes secundárias: relatos de memória escritos pelos próprios missionários orionitas. Esses registros receberam tratamento crítico a partir de estudos que interpretam o mundo e suas representações, contribuições de autores que transitam na seara da história cultural. Sabemos que uma das estratégias da Igreja Católica e suas congregações e ordens pelo mundo afora além da atuação no campo da fé e da educação, também é na área da saúde. No extremo norte de Goiás nas décadas de 1950 em diante não foi diferente. Lá os missionários orionitas atuaram com destacado êxito, podemos dizer, curando e higienizando as populações.

Os missionários orionitas se instalaram na região em princípio do ano de 1952. Um grupo de religiosos católicos italianos recém-chegados ao Brasil, mais conhecidos como “filhos da divina providência”, congregação nascida no início do século XX na Itália cujo fundador foi o religioso também de nacionalidade italiana, Dom Luis Orione. Como veremos neste estudo, eles se lançaram na tarefa de catolicizar a região e no caso em tela, o fizeram entre outras coisas, por intermédio da saúde.

Como será possível perceber, os missionários orionitas além de tratarem os doentes da região, criaram também um curso para preparar tecnicamente pessoas que os ajudassem na tarefa, ou seja, organizaram na metade dos anos 1950 em diante, um curso para formação de enfermeiros para atuarem no sertão do extremo norte do país na tarefa que eles assumiram: higienizar do ponto de vista da saúde a região. Mas como estava a situação da região naquele contexto? Essa é a preocupação que veremos a seguir.

2 – A saúde no extremo norte de Goiás na década de 1950

Como os orionitas atuaram no que concerne à saúde na região objeto deste estudo? Eles atuaram em três frentes, a saber: primeiro, colocando em prática a formação de mão de obra

para os atendimentos na área da saúde o que significou a criação da “Associação Católica Samaritanos Socorristas”; segundo, o que pode ser chamado de ofícios sanitários, que consistia em atender os doentes, higienizá-los e medicá-los; terceiro, na criação de postos de saúde e na fundação de dois hospitais orionitas na região.

No contexto da chegada dos primeiros missionários orionitas na região do extremo norte goiano e, sobretudo a primeira década da missão, os anos 1950, foi marcado por um forte trabalho sanitário realizado por aqueles missionários. A situação sanitária da região era precária. Proliferavam doenças de toda sorte, algumas complexas, mas a maioria em virtude da falta de higiene e de condições mais saudáveis de vida, como o acesso a boa alimentação, a água tratada, etc. Sobre a situação sanitária da região naquele contexto histórico, a historiadora Vera Caixeta informa que:

Tonini identificou as doenças daquele sertão, entre elas estavam a malária, a verminose e a sífilis. No diagnóstico do Pe. Tonini os habitantes dos sertões ainda eram atacados pelas mesmas doenças do início do século, as condições, pelo menos no extremo norte de Goiás, pareciam bem próximas daquelas que teriam levado o médico Miguel Pereira a caracterizar o Brasil como um imenso hospital, em 1916. Embora a realidade sanitária do país tivesse se transformado, entre 1916 a meados da década de 1950, como afirma Hochman, as endemias rurais continuavam na agenda política da saúde pública brasileira (CAIXETA, 2011, p.177).

Como destacado por Caixeta, as principais doenças que existiam na região eram a malária, a verminose e a sífilis. A esse quadro somava-se ainda a existência de outras endemias que também flagelavam a população. Parece-nos que não era uma situação restrita ao extremo norte de Goiás na época. Mas no antigo extremo norte goiano a realidade sanitária era mais complexa, pois era agravada pela situação de pobreza e de falta de investimentos na região, tanto por parte dos governos do estado quanto por parte do governo federal.

Acreditamos que a realidade econômico-social encontrada pelos missionários na região tenha provocado uma mudança significativa no projeto de catolicização daqueles povos, de um projeto essencialmente religioso, para outro mais de natureza sanitária. Sobre a relação desta situação local com o âmbito nacional, Caixeta informa ainda que:

Na década de 1950, durante a campanha presidencial de Juscelino Kubitschek, foi retomada parte da agenda do movimento pró-saneamento dos sertões das décadas anteriores. O candidato reconheceu a inexistência de

assistência médico-sanitária nos sertões e pareceu apontar para um amplo programa de ação, incluindo a distribuição de merenda escolar. Kubitschek reconhecia que não seria possível colocar em prática o seu lema “50 anos em 5” se não rompesse com a dicotomia litoral/sertão. Porém, nos sertões dos missionários italianos esse programa de governo, vitorioso nas urnas, não chegou a ser implantado. Os missionários perceberam que, nos sertões, não dava para ficar esperando pelo Estado. Caberia a eles enfrentar os problemas encontrados (CAIXETA, 2011, p. 178).

Como se pode observar a partir das análises de Caixeta, houve uma preocupação na década de 1950 em âmbito federal com a situação sanitária dos sertões do país. Como a historiadora reflete, as doenças persistiam em algumas áreas do interior do país e no sertão do extremo norte goiano não foi diferente, isso impedia a concretização dos planos do governo central de romper a chamada “dicotomia” entre litoral e sertão do país. De fato, a ausência de projetos e investimentos tanto do governo federal quanto do governo estadual ajuda a entender a situação sanitária da região objeto deste estudo nos anos 1950. Foi essa situação que os missionários orionitas encontraram quando lá chegaram. Mas como os missionários orionitas iniciaram o processo higienizador da região? Essas são as questões que nos guiarão a seguir.

3 – Os orionitas e o processo de higienização da região: Os samaritanos socorristas

Vale dizer que temos como hipótese que os problemas encontrados pelos missionários orionitas quando do início da missão, engendrou, a nosso ver, uma significativa mudança nos projetos para a região, deslocando uma atuação do campo simplesmente religioso para o campo da saúde, por exemplo. Sobre o início desse enfrentamento dos orionitas frente às doenças e a condição sanitária da região, vale destacar num primeiro momento a criação por parte do missionário Quinto Tonini, considerado o principal missionário naquele momento, da chamada Associação Católica Samaritanos Socorristas, também chamados de Bons Samaritanos ou ainda Samaritanos Socorristas. Sobre a criação da associação que visava formar enfermeiros para atuarem no espaço geográfico de alcance da missão orionita, Quinto Tonini narra que:

Uma noite cintilou-me uma ideia: e se fizesse um curso para formar enfermeiros? Ao final das contas sou diplomado na matéria. Uma discreta biblioteca, ser-me-á de auxílio. Remédios para a prática não me faltam. Tudo pronto! Viajando pelo interior da missão avisou por onde passava que a 1º de

dezembro teria início um curso de três meses para enfermeiros. Poderiam participar todos aqueles que tivessem completado 15 anos e frequentado, ao menos, o quarto ano primário. Tudo era gratuito, até mesmo o papel. Por onde passou encontrou simpatia e adesões (TONINI, 1996, p.106).

Conforme a narrativa de Tonini, vemos que foi ele o idealizador do projeto de formar, por intermédio de um curso, enfermeiros para atuarem na região. Acreditamos que ao decidir pela criação do curso, Tonini demonstrava toda a sua preocupação com a condição sanitária da região. Certamente se a condição de saúde do povo fosse boa e tranquila, não haveria ele de idealizar a “empreitada”. Tonini era enfermeiro por formação. Ele resolveu então colocar seus conhecimentos na área da saúde em favor da melhoria das condições sanitárias do povo.

Tonini relatou em sua narrativa anterior que contava com os materiais necessários: livros e manuais, em suma, a sua biblioteca. Cremos que esse material foi naquele contexto de início do curso, sido de muita valia para ele que além de padre era enfermeiro. Ele narra ainda que quando da divulgação do curso pelas sedes da missão, foi bem recepcionado em sua ideia, encontrando, portanto, amplo apoio. Vale dizer que a preocupação e a atuação da religião Católica no campo da saúde e mais especificamente na área da enfermagem sempre existiu. Segundo Patrícia Hargreaves, havia uma conexão profunda entre enfermagem e a prática católica das freiras, para ela:

O monopólio religioso católico na assistência à saúde só foi quebrado em 1540, após a dissolução dos monastérios pelo monarca inglês Henrique VIII. Os hospitais passaram a ser patrocinados pelo Estado e as freiras católicas se tornaram as enfermeiras, o que é visível até hoje nos uniformes tradicionais (HARGREAVES, 2014, p.13).

Segundo Hargreaves, o catolicismo sempre atuou na esfera da saúde e da enfermagem. Segundo ela, a própria atribuição da enfermagem tem uma relação estreita com o trabalho das freiras católicas, sendo que essas, a partir do século XVI, passaram a atuar como enfermeiras. Não é, portanto, de estranhar que o missionário Quinto Tonini tenha tido a ideia de criar um curso para a formação de profissionais para atuar no antigo extremo norte goiano no campo da saúde como enfermeiros. Ele próprio, como sabemos, era um. Vejamos que, separados por um longo tempo, a longa duração por assim dizer, a igreja das épocas passadas e a igreja do século

XX também atuou na área da enfermagem, com técnicas próprias da área, mas com as mãos religiosas.

Assim, quando da administração efetiva do curso, Tonini ao preparar o material didático para ser aplicado na aprendizagem dos alunos, os futuros “enfermeiros”, não ficou apenas restrito a explanação de conhecimentos na área da saúde. O programa do curso passou a contemplar também conhecimentos relativos à religião católica, conforme ele mesmo narra:

Na metade de novembro preparou o material e os programas: Anatomia, Puericultura, Higiene, Técnica de Enfermagem e música. Na segunda parte: Religião, Moral e Apologética, para a defesa contra os protestantes, os comunistas, os maçons e para a investida contra a ignorância. Queria formar um grupo fidelíssimo, que sob a veste de enfermeiros, pudesse ser lançado em todos os lugares, ao encontro das escolas das cidades e do interior (TONINI, 1996, p.106).

Como se pode observar na narrativa de Tonini, ele dividiu a formação do curso em dois momentos: primeiro a parte de conhecimentos relacionados à saúde com parte final dedicada à música e, segundo, conhecimentos relativos à religião, certamente, de matriz católica, com complemento de conhecimentos de moral e apologética. Nessa divisão do missionário Tonini dos conhecimentos a serem aplicados aos alunos do curso de enfermeiros, fica de maneira muito clara a intenção do missionário de que o curso não recebesse apenas conhecimentos relacionados à saúde, mas também de religião e, mais ainda, a católica.

O próprio Tonini em sua narrativa acima expõe o objetivo daquele aprendizado: a intenção de enfrentar, agora por meio de uma formação profissional, os protestantes, os comunistas, os maçons e todo e qualquer tipo de “ignorância” do povo, os sertanejos do extremo norte goiano na época. Ou seja, o objetivo do curso de formação de enfermeiros era formar quadros para cuidar do corpo das pessoas, mas não só, da alma também, contra o que os orionitas consideravam seus inimigos. Ou seja, o curso de enfermagem tinha muito mais objetivos além de levar saúde, levava-se junto a fé católica. Mas o curso de enfermeiros também promoveu a mudança na vida de muitos sertanejos, conforme narra Tonini quando diz que:

Também em Araguaína multiplicaram-se os atos de heroísmo entre os jovens. Pessoas que um mês antes só procuravam o álcool e as festas dançantes, agora em grupo de dois, de três, internavam-se na selva, curvavam-se fraternalmente sobre aqueles doentes, na maioria das vezes repugnantes, a ponto de arrepiar os cabelos; tratavam suas gangrenas, aplicavam injeções, limpavam e

arrumavam a casa, lavavam os recipientes de água, davam conselhos de higiene necessários. Tudo com tanta delicadeza e caridade de comover (TONINI, 1996, p.133).

Pode-se observar que o curso de formação dos Samaritanos Socorristas pareceu mudar também a vida dos próprios enfermeiros. É possível perceber que Tonini apresenta os mesmos como pessoas que além de servir aos doentes e mais necessitados do sertão, terminavam também por mudar as suas próprias vidas. Ele destaca que muitos enfermeiros que tinham antes as suas vidas “desregradas”, ao entrarem para o grupo dos Samaritanos Socorristas tinham se transformado em “pessoas novas”.

Sobre a atuação da Igreja no socorro ao sofrimento humano, de acordo com o historiador norte-americano Thomas Woods ao se referir ao papel da Igreja no campo da saúde, informa que “Antes da Igreja Católica, o espírito com que se tratava a doença e o infortúnio não era o de compaixão, e coube ao cristianismo o crédito pela solicitude em atender o sofrimento humano em larga escala” (WOODS, 2008, p.166).

Como se pode observar na reflexão de Woods, a Igreja Católica teve um papel importante na configuração de um novo modelo de assistência à saúde no ocidente. Ao longo das argumentações desse historiador, vemos que o próprio nascimento do hospital moderno se deveu, segundo ele, à Igreja Católica. Nossas análises se pautaram também, vale dizer, à crítica dessa obra de Woods. Embora muito respeitado no meio acadêmico internacional, Woods é um historiador católico e, por vezes, assume uma postura menos racional e histórica, e mais religiosa e católica. Mas ainda assim seus argumentos, dados e interpretações foram de muita importância para a construção de nossas interpretações neste estudo.

Mas os “frutos” daquele curso iam além, segundo Tonini, alguns enfermeiros samaritanos se tornaram religiosos orionitas. Isso mesmo, o curso gerou vocações religiosas para os próprios quadros da congregação orionita, conforme podemos verificar quando Tonini diz que:

Três das alunas enfermeiras descobriram de ter vocação para a vida religiosa e entraram na Congregação das Pequenas Missionárias de Dom Orione. Havia ensinado como professoras e catequistas em Anapolândia, Jardim e na própria Araguaína. Também cinco rapazinhos entraram no Seminário. A semente regada com tantas lágrimas, começava a germinar (TONINI, 1996, p.141).

É possível observar a exata dimensão da importância que teve a criação do curso de formação de enfermeiros orionitas, os “Samaritanos Socorristas”: a dimensão de que o projeto estava muito além da assistência à saúde do povo, além disso, a formação moral dos enfermeiros, a propagação do caráter entre os sertanejos da região e, mais ainda, a formação de vocações para a vida religiosa, no caso, o acesso de muitos aos quadros da própria congregação. Somente nessa narrativa de Tonini, entre os enfermeiros samaritanos deu-se a vocação de três freiras e cinco padres orionitas.

Mas como se deu a aplicação prática dos conhecimentos aprendidos no curso de enfermeiros, curso criado pelo missionário Quinto Tonini? Especificamente sobre a assistência à saúde realizada pelos Samaritanos Socorristas, podemos dizer que a tarefa não era nada fácil. Sobre a realidade encontrada naqueles sertões pelos enfermeiros, Tonini nos dá a dimensão da tarefa ao narrar que:

Eram rostos cadavéricos de pobres velhos abandonados pelos filhos, rostos emaciados de mulheres, de crianças raquíticas, de faces inchadas, pálidas, deformadas pela leishmaniose; feridas repugnantes, gangrenas nauseabundas, articulações caídas, corroídas pela lepra (TONINI, 1996, p.25).

Tonini apresenta o quadro de saúde pública enfrentado pelos enfermeiros samaritanos no contexto da missão orionita. Doenças de toda sorte que eles precisaram enfrentar e tratar. E de fato trataram, conforme se observa nessa narrativa quando o missionário relata que:

Eram doentes que os enfermeiros desencovavam em todos os buracos. Conduziam-nos ou carregavam-nos para a sala de prática. Ali o padre curava e ensinava aos enfermeiros, que como pintinhos ao lado da choca, repetiam os seus gestos. O enfermeiro cirurgião passou o bisturi: esvaziou a cavidade, fez o curativo, desinfetou tudo, conforme a mais rígida técnica que o caso exigia, depois recobriu com gaze e esparadrapo (TONINI, 1996, p.107).

Os enfermeiros Samaritanos Socorristas também buscavam os doentes nos lugares mais longínquos para dar a eles a possibilidade do tratamento. Era também um trabalho de busca pelos doentes, de busca para a saúde, enquanto os enfermeiros também aprendiam sempre novas experiências com a diversidade de doenças e problemas a serem tratados.

Ao que parece, os samaritanos socorristas eram os verdadeiros promotores da expansão da saúde pela região. Consideramos inclusive dizer que, pela observação mais atenta das narrativas dos missionários, podemos crer que sem eles o projeto orionita na área da saúde não teria sido alcançado. Sobre as práticas e a participação das pessoas comuns como auxiliares da Igreja nesses projetos católicos, o historiador José Mateus do Nascimento diz que:

Vemos, assim, que essas práticas não se configuram ao acaso. Apesar de serem motivadas pela Igreja, são concretizadas pelas mãos de seus fieis (...) envolvendo um exército de agentes que se empenharam numa política denominada de promoção social (NASCIMENTO, 2006, p.90).

Como observou Nascimento, as pessoas comuns que são os fieis da Igreja se transformam nos promotores das ações sociais. Cremos que no caso dos samaritanos socorristas do extremo norte goiano, eles também não só foram promotores das ações sanitárias que levavam saúde para as populações como foram os benfeitores do processo. Outra narrativa nos dá a dimensão dos trabalhos sanitários. Sobre esse momento Tonini relata que:

Uma noite, compareceu um pobre homem, pedindo remédio para a esposa. Fazia cinco anos que ela jazia no fundo de uma rede, sem poder mover-se. O sacerdote e seus enfermeiros aconselhou-o a trazer a doente para a cidade. Quatro homens, revezando-se dois a dois, trouxeram a enferma estendida numa rede ligada a um pau, durante três dias sobre aquelas areias. Superaram 30 km a pé. Chegaram em uma tarde quente e sufocante. Um espetáculo mais repugnante que aquele, jamais se havia apresentado aos olhos do missionário e seus enfermeiros, que puderam vangloriar-se agora de conhecer tudo daquele povo (TONINI, 1996, p.134).

A narrativa de Tonini é muito esclarecedora do esforço empreendido pelos samaritanos para tratar e curar muitos doentes. Ele relata que jamais ele e seus enfermeiros haviam visto um doente em um estado tão deplorável como o da mulher trazida em uma rede para ser tratada pelo missionário e seus enfermeiros. Analisando a narrativa podemos dizer que era uma situação realmente precária no quadro da saúde de muitos sertanejos da região nas primeiras décadas de atuação dos missionários orionitas.

Os missionários orionitas e seus enfermeiros samaritanos atuaram diretamente no socorro aos doentes de toda espécie. Sobre essa atuação católica como socorro, Patrícia Hargreaves ainda esclarece que:

Por milênios, a saúde era uma questão de religião. As leis de pureza do Velho Testamento exigiam limpeza ritual, proibiam o contato com cadáveres, mas tratavam os leprosos de toda espécie, além de vetar certos tipos de alimentos (HARGREAVES, 2014, p.13).

Conforme observa Hargreaves, a saúde sempre foi uma preocupação da religião. Essa assistência aos doentes, aos leprosos foi também desencadeada pelos missionários orionitas na região aqui estudada. Os mais necessitados, os mais pobres e os mais idosos tinham prioridade no atendimento daqueles enfermeiros samaritanos, não que todos os doentes não fossem atendidos, mas havia uma escala de prioridade, conforme informa Tonini:

Os velhos tinham prioridade sobre os jovens; os pobres sobre os ricos; os feios, sobre os bonitos; os esfarrapados, sobre os bem vestidos; os fedorentos, sobre os perfumados; os repugnantes, sobre os simpáticos. Esta doutrina, que era um pouco como a “papa real” com a qual Dom Orione havia alimentado os seus filhos, vinha sendo abraçada e praticada à letra pelos “Samaritanos Socorristas” (TONINI, 1996, p.108).

Percebe-se pela narrativa de Tonini, que havia uma concepção de trabalho a ser seguido nos atendimentos realizados por aqueles enfermeiros orionitas, os samaritanos. Dava-se prioridade nos atendimentos dos mais pobres e mais velhos. Todos eram atendidos, mas havia casos mais prioritários. Assim, podemos dizer que se deu o que denominamos como os ofícios sanitários realizados, tanto por Tonini quanto por seus enfermeiros, os “Samaritanos Socorristas” nas primeiras décadas da missão orionita: um trabalho de higienização, de cura e de tratamento de doentes de toda qualidade e de toda enfermidade.

O trabalho higienizador e saneador de muitas doenças parece ter tido um êxito muito grande a partir da criação por parte de Tonini do curso de formação de enfermeiros. Mas recuando um pouco antes do curso, a própria escolha por parte da Congregação Orionita do sacerdote Quinto Tonini, em 1952 em diante, transformando-o em missionário em Goiás, foi uma atitude pensada, calculada e estrategicamente montada para o que a congregação desejava: sanear o corpo dos sertanejos do extremo norte goiano. Para corroborar com essa interpretação, vale observar as palavras do sacerdote Egídio Adobatti dirigidas à Quinto Tonini em janeiro de 1952 quando este último desembarcara no Rio de Janeiro vindo da Itália para atuar na região do extremo norte de Goiás:

O Padre Egídio acompanhou o Padre Tonini até o trem e com um pé sobre o estribo lhe dizia: “De Goiás escrever-lhe-ei, pedindo tudo aquilo que for necessário, espero que me providencie. Creio que não passará nem mesmo um ano e chamá-lo-ei. Aliás, se tudo correr bem, estaremos juntos, dentro de poucos meses. Sua cultura sanitária, a prática em assistir aos doentes será uma coisa preciosa na missão (TONINI, 1996, p.17).

Como é possível perceber a partir do diálogo entre Tonini e o sacerdote Egídio no Rio de Janeiro, os orionitas viam Tonini como um homem estratégico para a missão devido seus conhecimentos relacionados à saúde. Parecia um presságio? Não. Foi uma escolha acertada da congregação orionita e de fato Tonini idealizou e colocou em prática o trabalho de assistência à saúde nos sertões do Brasil central naquele contexto.

Onde havia uma igreja orionita no antigo extremo norte goiano havia uma equipe de Samaritanos Socorristas que colocavam em prática os ofícios sanitários em prol da comunidade. Em cada sede da missão funcionava, na própria igreja, um posto de atendimento desses enfermeiros orionitas. Sobre essa estratégia dos orionitas que resultou na formação dos Samaritanos Socorristas, vale agora, inferir alguns apontamentos. Primeiro, consideramos importante destacar a originalidade dessa ideia de Quinto Tonini: criar um grupo grande de pessoas com conhecimentos básicos de saúde para atuar junto com os missionários no combate às doenças que atingiam a região e seu povo.

Creemos que foi uma estratégia de uma originalidade nos sertões do Brasil central naquele momento. Na verdade, não eram enfermeiros como conhecemos hoje em dia, com formação superior e diploma reconhecido. Eram, portanto, grupo de pessoas, jovens ou não, que se dispunha a aprender os procedimentos técnicos de primeiros socorros, de higiene, de sanitização, de administração de medicamentos. Eram na realidade pessoas leigas na área da saúde que receberam as primeiras noções de enfermagem para o atendimento mais urgente da sociedade atingida por muitos males no campo da saúde.

Analisando as narrativas que tratam sobre aquele grupo e conseqüentemente buscando entender os primeiros anos de exercício daqueles samaritanos, vemos que eles iniciaram seus trabalhos, como diz na linguagem comum “com a cara e a coragem”, coragem deles samaritanos e de Tonini que os ensinou e confiou em seus esforços naquele momento. No início do trabalho, eles não tiveram apoio financeiro dos governos locais de então. Somente nos anos seguintes,

dado o reconhecimento público do trabalho, a Associação Samaritanos Socorristas passou a receber apoio dos governos, somente depois do trabalho iniciado e consolidado (CORAZZA, 2000).

Acreditamos ainda, no que se refere à essa associação, que seus membros transformados em agentes de saúde, pela crítica da narrativa de Tonini, gostavam do que faziam e com imensa dedicação e entrega. Ainda cremos que naquele contexto ser um samaritano socorrista dava a eles visibilidade social, prestígio e reconhecimento por parte da sociedade do antigo extremo norte goiano.

Era sim um trabalho voluntário, de satisfação pessoal, pois ajudavam a salvar vidas, mas eram também reconhecidos, valorizados, destacados em meio àquela sociedade. Ou seja, ser samaritano socorrista parecia lhes proporcionar uma espécie de ascensão social. Mas quais as outras estratégias de higienização e sanitização foram colocadas em prática pelos missionários orionitas além da criação dos samaritanos socorristas? Essa é a interrogação que nos guiará a seguir.

4 – Os orionitas e o processo de higienização da região: Os hospitais

Com o passar dos anos a congregação orionita parece ter percebido que o trabalho realizado pelos Samaritanos Socorristas que tinha sido de fundamental importância não era mais suficiente, era preciso uma logística ainda maior, daí surgiu a necessidade por parte dos missionários orionitas em criar seus próprios hospitais na região. Nesse momento em diante, os esforços dos missionários e da própria congregação voltou-se para a criação de hospitais orionitas. Assim, surgiu no final da década de 1950 a primeira unidade hospitalar genuinamente orionita no extremo norte de Goiás: o Hospital Pio XII na cidade de Filadélfia, cidade considerada a mais estratégica na primeira década da missão orionita.

A atuação do catolicismo no campo hospitalar foi uma novidade no extremo norte goiano na época, mas nunca foi novidade a atuação do catolicismo no campo da saúde e mais ainda, na fundação de hospitais. Aliás, acredita-se que os primeiros hospitais surgidos no mundo ocidental foram criações da Igreja Católica. Sobre a atuação da Igreja no âmbito hospitalar, o

historiador Thomas Woods informa que a atuação do catolicismo na área hospitalar vem de longe, segundo ele:

No século IV, a Igreja Católica começou a patrocinar a fundação de hospitais em larga escala, de tal modo que quase todas as principais cidades acabaram por ter o seu. Na origem, esses hospitais tinham por fim hospedar estrangeiros, mas depois passaram a cuidar dos doentes, viúvas, órfãos e pobres em geral (WOODS, 2008, p.166).

Conforme observou Woods, desde o século IV que a Igreja Católica atua na área da saúde e de assistência aos doentes por intermédio, inclusive, da fundação de hospitais. Segundo ele, os primeiros hospitais que surgiram tinham como objetivo hospedar estrangeiros, mas logo se inclinaram para a assistência à saúde das pessoas, segundo ele, com privilégio aos mais pobres. Sobre a necessidade da criação do primeiro hospital orionita, o Pio XII na cidade de Filadélfia, que foi pensado e colocado em funcionamento por Quinto Tonini, ele próprio narra que:

A missão não podia mais continuar sem um Hospital. Numa área de 500 km de raio, sem uma casa voltada para os cuidados médicos, pode-se imaginar o número de trabalhadores que morriam como seres errantes. Um dia, os sacerdotes, em Filadélfia haviam assistido à morte de um pobre pai de família, com uma hérnia estrangulada. Não dava mais para esperar. Organizar e depois sustentar um hospital naqueles lugares precisava de muita coragem (TONINI, 1996, p.229).

Tonini na primeira década da missão chegou à conclusão da necessidade de criação do primeiro hospital orionita no antigo extremo norte de Goiás. Acreditamos que o trabalho já reconhecido da Associação Católica Samaritanos Socorristas não respondia mais pela necessidade cada vez mais crescente de assistência à saúde dos povos da região. Os Bons Samaritanos já haviam cumprido o seu papel, agora, a necessidade se ampliava, nascia o Hospital Pio XII de Filadélfia. Já sobre os benefícios levados ao povo da região por intermédio do primeiro hospital orionita do antigo extremo norte de Goiás, o sacerdote orionita Mário Scalco escreveu:

O Pio XII, além do sertão de Goiás servia também a cidade de Carolina no Maranhão e seus arredores. O primeiro médico, herói do sertão, foi o Dr. Simão Lutz Kossobutski. Era dirigido pelos padres orionitas e pelas irmãs missionárias da caridade, da congregação de Dom Orione. Ninguém pode

avaliar o bem imenso que o Hospital proporcionou no campo sanitário, social e moral no setor sul da missão de Tocantinópolis, já que Filadélfia e Babaçulândia eram, junto com Araguaína, os únicos municípios (SCALCO, 1980, p.51).

Conforme Scalco, a importância do Hospital Orionita Pio XII, único estabelecimento hospitalar do antigo extremo norte goiano até o final da década de 60, estava no atendimento de serviços de saúde a toda a região, inclusive como destacado na matéria, até pacientes de parte do Maranhão. O hospital também já contava com um médico fixo, Simão Lutz, que passou à história da região como o primeiro médico formado a atuar no espaço e contexto histórico.

Antes do Hospital Pio XII, os atendimentos à saúde como vimos neste estudo, estava restrito aos Samaritanos Socorristas, grupo de pessoas que recebiam o aprendizado de Quinto Tonini que além de missionário orionita era enfermeiro formado na Itália. Esses “enfermeiros” com habilidades de primeiros socorros e técnicas de higiene, de sanitização, medicavam e cuidavam dos sertanejos da região. Todas as igrejas orionitas possuíam seu posto, em condições precárias é claro, de atendimento sanitário. Assim, a partir de 1959, a missão orionita contava efetivamente com o seu primeiro hospital.

Mas a intenção dos orionitas em atuarem na área hospitalar não ficou restrita ao Hospital Pio XII de Filadélfia, fundado em 1959. Três anos depois, em 1962, nascia o “embrião” do que seria anos depois o Hospital do Pênfigo de Araguaína, depois batizado como Casa da Caridade Dom Orione, e que depois mudaria novamente de nome, para Maternidade Dom Orione. Sobre o surgimento do hospital em Araguaína, o missionário orionita Remígio Corazza escreveu que:

Ao desembarcar no Rio de Janeiro encontrei uma carta do Superior Geral, Dom Zambarbieri, destinando-me para Araguaína. Estávamos em fevereiro de 1962. Ali chegando encontrei a cidade que enfrentava uma epidemia de pênfigo. Havia mais de cinquenta doentes abrigados em redes armadas numa copada mangueira. Preocupado com a situação, Cornélio construiu um abrigo provisório que mais tarde foi transformado no Hospital do Pênfigo (CORAZZA, 2000, p.64).

Como relatado acima por Corazza, a cidade de Araguaína, uma das sedes da missão orionita no antigo extremo norte goiano, no ano de 1962 enfrentou o que ele denominou de epidemia de pênfigo¹. Pênfigo era uma doença da pele que causava bolhas infecciosas e, se não

¹ Para mais informações sobre essa doença, ver: CARVALHO, Diana Maul de. *Uma História Brasileira das Doenças*. São Paulo: Editora Mauad, 2006.

tratadas, poderia evoluir para um estado grave o paciente. Corazza informa que ao chegar na cidade o quadro sanitário lhe preocupou. Segundo ele, a congregação orionita agiu diante da situação, tinha origem o que depois seria o segundo hospital orionita no antigo extremo norte goiano, agora em Araguaína.

Sobre esse hospital que surgiu para socorrer os doentes acometidos por problemas na pele, em outro momento Mário Scalco escreveu que:

Cornélio abriu um leprosário, mas, quando os doentes foram obrigados a saírem do centro da cidade por motivos óbvios, surgiu no mesmo lugar um “pequeno cotolengo” que abriu as portas para os velhinhos desamparados, doentes crônicos e paraplégicos, etc. Para continuar esta tarefa sócio-sanitária, Cornélio fez doação em 1970 à Pequena Obra da Divina Providência, que mudou o nome da entidade para Casa da Caridade Dom Orione, aos 8 de janeiro de 1971 (SCALCO, 1980, p.53).

Segundo Scalco, o hospital do pênfigo chamado também de leprosário na década de 1960, anos depois foi convertido em Casa da Caridade Dom Orione em 1971. Seria a segunda unidade hospitalar dos orionitas no antigo extremo norte goiano. Mas vejamos que pelo próprio nome da instituição era um hospital dedicado à assistência a saúde na forma caritativa, característica das obras católicas espalhadas pelo mundo.

No antigo extremo norte goiano não foi diferente. Três anos depois, em 1974, a congregação orionita lançou a pedra fundamental para a ampliação da Casa da Caridade e a transformação da mesma em unidade hospitalar de maior porte. A congregação orionita decidiu ainda mudar a especialidade da Casa da Caridade conforme podemos observar nessa narrativa de Scalco:

A congregação de Dom Orione querendo dirigir um monumento vivo de caridade, em homenagem a seu fundador, na cidade de Araguaína, centro socioeconômico de todo Norte Goiano e constatando na área de saúde a carência de um Hospital para atender às mães pobres, cujo recurso era recorrer às parteiras leigas, sem poder evitar a grande mortandade infantil e das puérperas, se propôs abrir um hospital maternidade para internações, pronto socorro obstétrico e ginecológico com atendimento ambulatorial diário. Assim, em 16 de julho de 1976, dia de Nossa Senhora do Carmo, a Congregação de Dom Orione entregou a Araguaína um moderno hospital para iniciar suas atividades filantrópico-sanitárias (SCALCO, 1980, p.53).

Surgia assim a Maternidade Dom Orione na cidade de Araguaína. Era o segundo hospital orionita na região. Dados sobre os atendimentos realizados por esse hospital verificados por nós no transcorrer da pesquisa que deu origem a este estudo demonstram que ele se converteu, ao longo dos anos e décadas, num dos maiores hospitais de Goiás e um dos maiores do norte do país. Depois da divisão político-administrativa que deu origem ao Estado do Tocantins em 1988, também um dos maiores centros de saúde de toda a região.

Na longa história do cristianismo, a Igreja Católica sempre buscou atuar na área hospitalar. Como vimos anteriormente, os primeiros hospitais católicos remontam ao século IV no mundo ocidental. Sobre a atuação das congregações e ordens católicas na área hospitalar, o historiador Thomas Woods ainda informa que:

Não é de surpreender que os mosteiros católicos também desempenhassem um papel importante no cuidado dos doentes de acordo com o mais completo estudo da história dos hospitais. As ordens fundadas durante as cruzadas administravam hospitais por toda a Europa. Uma dessas ordens, a dos Cavaleiros de São João, também conhecidos como “hospitalários”, foram o germe do que, mais tarde, veio a tornar-se a Ordem de Malta, deixou uma marca particularmente significativa na história dos hospitais europeus (WOODS, 2008, p.167).

Como observado por Woods, a história do nascimento dos hospitais no ocidente está umbilicalmente ligada à história da atuação da Igreja Católica na área da saúde. No antigo extremo norte goiano na década de 1950 em diante não foi diferente. Os missionários orionitas atuaram nessa área com uma força impressionante, fundando os primeiros hospitais da região na época. Como foi possível perceber, a Maternidade Dom Orione, teve seu “embrião” no ano de 1962 quando em resposta à aglomeração de doentes atingidos por uma epidemia de pênfigo levou a congregação orionita a instalar uma unidade hospitalar. Ele no princípio era Hospital do Pênfigo, depois transformado em Casa da Caridade e, em 1976, Maternidade Dom Orione.

Nesse sentido, observando as ações orionitas no campo da saúde no extremo norte goiano a partir do início da década de 1950, podemos dizer que se constituiu o trabalho orionita, a saber, as ações no campo da saúde com vistas a higienização e a sanitização dos povos do extremo norte goiano terminou, cremos, por contribuir para a catolicização da região. Mas por que acreditamos nessa relação entre o trabalho orionita na área da saúde e a catolicização da região naquele contexto histórico?

Porque, pelo exposto nessa parte deste estudo, a atuação dos missionários na área da saúde tinha, além da cura do corpo e do combate às doenças que grassavam na sociedade, eles visavam também a conquista das “almas” para a Igreja Católica naquele momento representada por eles orionitas. Eles usaram a saúde como a retórica de Tonini nos mostrou como instrumento de combate ao protestantismo, seus inimigos no campo da fé naquele momento. O posto de saúde ou o hospital orionita estavam, acreditamos, muito além de simples construções físicas onde se proporcionava serviços de saúde às populações.

Sobre o entendimento que esses postos de saúde e hospitais orionitas funcionavam muito além de um espaço físico de serviço estritamente na área da saúde mas também com objetivos outros, como o objetivo religioso, o geógrafo Jean Carlos Rodrigues reflete sobre as construções orionitas que:

(...) o fato religioso por meio da edificação de grandes templos, instalações de mosteiros ou a construção de escolas/hospitais denominacionais, ou seja, o aspecto visível da paisagem colabora, num primeiro momento, para a produção de indagações a respeito do fato religioso e revela, de certo modo, o *modus operandi* de determinada ordem religiosa (RODRIGUES, 2016, p.43).

Conforme observou acima Rodrigues, as instalações orionitas significaram e ainda significam muito mais que simples construções físicas. Para ele, as instalações imbricadas na paisagem da região colabora conosco para produzirmos indagações necessárias para entendermos o fato religioso e nas palavras dele, o próprio modo de operar da congregação orionita, sua forma de agir na região.

Portanto, acreditamos que nas instalações orionitas voltadas para a prática da saúde naquele espaço e contexto, curava-se para convencer que a fé de quem curava era a mais saudável, a mais verdadeira, a mais completa para a cura não só do corpo, mas da alma do doente. Ganhava-se para o catolicismo não apenas o doente, como também o samaritano socorrista, além de muitos que eram alcançados pelo esforço dos orionitas na área da saúde no extremo norte de Goiás na década de 1950, região do atual norte tocantinense.

Considerações Finais

Como foi possível perceber ao longo deste estudo, ao chegarem no antigo extremo norte goiano nos primeiros anos da década de 1950, os missionários católicos orionitas lá encontraram uma região desassistida de assistência à saúde. Como vimos na observação atenta dos relatos de memória daqueles missionários, eles logo perceberam a necessidade de atuarem nesse campo, e de fato atuaram.

Vimos que os missionários orionitas recrutaram pessoas comuns da sociedade para atuarem com eles na tarefa por eles estabelecida: a cura de doenças, a higienização das pessoas e a sanitização do extremo norte goiano na década de 1950. Um curso de formação de enfermeiros foi inclusive idealizado por Quinto Tonini, considerado um dos principais missionários naquele momento dentre aqueles religiosos. E não pararam por aí, fundaram postos de atendimento e até dois hospitais, os primeiros da região.

Cremos, estava em curso não apenas a higienização e sanitização da região do ponto de vista da saúde, mas a própria catolicização da sociedade do extremo norte goiano naquele contexto. Por trás da atuação na área da saúde estava o objetivo de “ganhar” a sociedade ao catolicismo. Consideramos dizer que é possível que daqueles momentos em diante, ao atuarem no campo da saúde, os missionários orionitas tenham contribuído para o estabelecimento de uma conquista religiosa. Sobre essa interpretação, Rodrigues reflete que:

(...) a chegada, instalação e difusão da Congregação da Pequena Obra da “Divina Providência” no norte do Estado de Goiás na década de 1950 foi capaz tanto de imprimir formas religiosas na paisagem (construção de igrejas, escolas e hospitais) como foi também importante para constituir uma identidade religiosa cristã, de vertente Católica Romana, de carisma orionita nesta região (RODRIGUES, 2016, p.52).

Conforme observou Rodrigues, os missionários constituíram uma identidade religiosa de natureza católica e vivência orionita para a região aqui analisada. Vale dizer que esse tema da construção de uma identidade não foi nossa preocupação quando nos debruçamos sobre a história da missão orionita, mas consideramos importante expor essa reflexão de Rodrigues visto que ela corrobora para a nossa interpretação de que do ponto de vista também da saúde, a história da região do extremo norte goiano se divide em antes e depois da presença dos missionários orionitas.

Vale dizer que durante a realização da pesquisa que deu origem a este estudo uma realidade nos preocupou: a ausência de fontes não orionitas para que pudéssemos estabelecer outras versões para a atuação dos missionários no campo da saúde no contexto espacial e temporal objeto deste estudo. Ou seja, não conseguimos localizar outras versões para aqueles acontecimentos, como por exemplo, relatos dos povos que foram objetos da atuação dos missionários no campo da saúde.

Por esse motivo, naturalmente, nossa análise se pautou em entender as versões apresentadas pelos orionitas para aqueles acontecimentos sob a ótica dos próprios orionitas. Mas inferimos que essas versões analisadas a partir de uma leitura crítica e sob um olhar teórico-reflexivo cremos, não diminuiu a criticidade nem a capacidade analítica do estudo proposto. Finalmente, ainda no que concerne à possibilidade de que a atuação dos missionários orionitas tenha promovido a construção de uma identidade religiosa para o extremo norte goiano e que não foi objeto deste estudo, se não uma identidade, pelo menos uma conquista religiosa foi promovida, por intermédio da atuação dos missionários orionitas entre outras áreas, destacamos, o campo da saúde no extremo norte goiano a partir do recorte abordado neste estudo.

Referências

CAIXETA, Vera Lúcia. Médicos, Padres, Sertões: o Norte de Goiás no Relatório de Arthur Neiva e Belisário Penna e nas Narrativas dos Seus Interlocutores Goianos (1916-1959). 2011. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

CARVALHO, Diana Maul de. Uma História Brasileira das Doenças. São Paulo: Editora Mauad, 2006

CORAZZA, Remígio. Silêncio Prudente. Fortaleza: Expressão, 2000.

HARGREAVES, Patrícia. Saúde Pública: Freiras Deram Origem às Enfermeiras. Revista Aventuras na História, São Paulo: Editora Abril, Edição 129, Abril de 2014, pp.13, 2014.

NASCIMENTO, José Mateus do. Vinde a Mim os Pequenininos – Práticas Educativas da Diocese de Natal (1945-1955). IN: PAIVA, Marlúcia Menezes de. (Org.). Igreja Católica e Suas Práticas Culturais. Brasília: Líber Livro Editora, 2006.

PROVIDÊNCIA, Pequena Obra da Divina. Grupo de Estudos Orionitas. A Grande Pescaria: A Família Orionita no Brasil. Caderno III. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

RODRIGUES, Jean Carlos. Espaço e Religião: A Presença da Congregação da Pequena Obra da Divina Providência no Antigo Norte Goiano (1950-1970). Revista Escritas, Vol.8, N.1, P.42-54, 2016.

SCALCO, Mário. Voz do Norte, pp.51-56, Tocantinópolis: S/Ed, 1980.

TONINI, Quinto. Entre Diamantes e Cristais: Cenas Vividas Pelos Missionários de Dom Orione nas Matas do Norte de Goiás. Fortaleza: Expressão, 1996.

WOODS, Thomas. Como a Igreja Católica Construiu a Civilização Ocidental. São Paulo: Editora Quadrante, 2008.